

NOVAS VERSÕES PARA SETE POEMAS

DE ALVARENGA PEIXOTO

— Propostas de emenda à edição de Rodrigues Lapa*

Francisco Topa

Como é sabido, Inácio José de Alvarenga Peixoto só publicou em vida três poemas, dois sonetos e uma lira. Toda a sua restante obra poética foi dada à luz postumamente, a partir de fontes manuscritas nem sempre identificadas e em edições que foram sendo sucessivamente melhoradas, num processo que culminou com a edição crítica de Rodrigues Lapa¹. Isto não significa, contudo, que se trate de um trabalho definitivo, como aliás dificilmente o é uma edição crítica.

Em pesquisas que temos vindo a realizar em diversas bibliotecas sobre a literatura do Brasil dos séculos XVII e XVIII, lográmos descobrir novas fontes testemunhais manuscritas da obra de Alvarenga Peixoto, algumas das quais – pontualmente – parecem oferecer melhores soluções que as apresentadas por Lapa na sua

* Publicado na *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, vol. XV, Porto, Faculdade de Letras, 1998, pp. 445-451.

¹ *Vida e Obra de Alvarenga Peixoto*, edição de M. Rodrigues Lapa; Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro, 1960.

edição. São os resultados do trabalho de colação entre estas novas fontes e a edição do estudioso português que iremos agora apresentar, de forma esquemática. As passagens dos poemas em causa serão transcritas de acordo com os critérios seguidos por Lapa, mas segundo a norma ortográfica portuguesa.

1. Cantata «Oh, que sonho, oh, que sonho eu tive nesta»

Trata-se da peça n.º 28 da edição de Lapa (pp. 44-45). Descobrimos uma nova fonte testemunhal manuscrita que inclui esta composição: o Ms. 542 do Fundo Manizola da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora. Trata-se de uma miscelânea poética, não datada e com o seguinte título: «Collecção/ de varias obras poeticas/ dedicadas/ ás Pessoas de bom gosto/ por/ Henrique de Brederode». Nas pp. 89-91, sob o título «Sonho Poetico» e atribuída a «Alvarenga», vem a cantata em causa. A única variante significativa face ao texto apurado por Rodrigues Lapa ocorre no v. 29: em lugar de *saudosas*, a nossa fonte regista *sonoras*. Vejamos a passagem do texto em que ocorre:

De inteiriço coral novo instrumento
as mãos lhe ocupa, enquanto ao doce aceno
das *sonoras* palhetas, que afinava,
Píndaro Americano assim cantava (vv. 27-30).

Referido como está a um instrumento musical, supomos que o adjectivo que se adapta melhor ao contexto é o da nossa variante.

2. Ode «Invisíveis vapores»

Na mesma fonte referida no ponto anterior, entre as pp. 91 e 96, vem esta «Ode do m.^{mo} A.». A nova versão manuscrita não apresenta variantes significativas relativamente ao texto de Lapa, que constitui a peça n.º 29 da sua edição (pp. 46-50).

3. Ode «Não os heróis, que o gume ensanguentado»

É a peça n.º 14 da edição de Lapa (pp. 17-19). Até ao momento não era conhecida nenhuma versão manuscrita identificada desta ode. A que nós lográmos identificar encontra-se nas pp. 125-129 da miscelânea referida nos pontos anteriores, atribuída a «Alvarenga». Há seis passagens em que se evidenciam variantes significativas relativamente ao texto de Rodrigues Lapa.

A primeira diz respeito à epígrafe, ausente em Lapa, e que na nossa fonte consta do seguinte: *Ao Marquês de Pombal*.

A segunda ocorre no v. 58, que na lição de Lapa se lê deste modo: *e em vez de sustos, mortes e desmaios*, ao passo que a nossa fonte regista: *em vez da morte, sustos e desmaios*. Antes de nos pronunciarmos sobre as duas lições, atentemos no contexto:

Os altos cedros, os copados pinhos
 não a conduzir raios,
vão romper pelo mar novos caminhos;
em vez da morte, sustos e desmaios,

danos da natureza,
vão produzir e transportar riqueza (vv. 55-60).

Como se pode observar, a lição da nossa fonte parece mais adequada, na medida em que a enumeração surge aí mais sequenciada, configurando uma gradação descendente.

Outra variante ocorre no v. 75: em lugar de *pudessem*, a nossa fonte regista *puderem*. Pouco mais à frente, no v. 78, em vez de *tão temos e tão*. Vejamos o contexto:

Que importam tribunais e magistrados,
asilos da inocência,
se *puderem* temer-se declarados
patronos da insolência?
De que servirão tantas
e tão saudáveis leis, sábias e santas,
se, em vez de executadas,
forem por mãos sacrílegas frustradas? (vv. 73-80)

Parece-nos que a lição da nossa fonte é preferível em ambas as situações. No primeiro caso, o imperfeito do conjuntivo revela-se inadequado, dado que a oração condicional em que surge integrado exprime, não uma condição irrealizável ou improvável, mas antes uma hipótese, uma eventualidade, circunstância que se adequa ao futuro e não ao imperfeito deste modo. Aliás, repare-se que, no v. 80, num contexto idêntico, é esse o tempo usado: *forem*. Quanto à variante do v. 78, note-se que ela, não comprometendo a métrica, assegura uma ligação mais normal ao adjectivo do verso anterior.

Em penúltimo lugar, temos a variante do v. 81, também respeitante a uma forma verbal: em vez do presente do indicativo *vives*, a nossa fonte regista o imperativo *vive*. Embora ambas nos pareçam admissíveis, a segunda talvez seja preferível. Vejamos o contexto:

Mas *vive* tu, que para o bem do mundo
sobre tudo vigias,
cansando o teu espírito profundo,
as noites e os dias (vv. 81-84).

Em último lugar, temos uma divergência no v. 88: enquanto a lição de Lapa aposta no polissíndeto – *as leis e a guerra, e o negócio, e tudo?* –, a da nossa fonte opta pelo assíndeto: *as leis, a guerra, o negócio, e tudo?* Não nos parece possível invocar razões de ordem métrica ou estilística para preterir uma ou outra, pelo que ambas nos parecem admissíveis. Vejamos contudo o contexto:

Ah! quantas vezes, sem descanso uma hora,
vês recostar-se o sol, erguer-se a aurora,
enquanto volves com cansado estudo
as leis, a guerra, o negócio, e tudo? (vv. 85-88)

4. Soneto «Por mais que os alvos cornos curve a Lua»

Trata-se da peça n.º 7 da edição de Lapa (p. 7). Na mesma miscelânea manuscrita que vimos citando, este texto aparece na p. 130, atribuído a «Alvarenga». Há apenas uma variante significativa, respeitante ao v. 11: em vez de *rumorosas*, a

nossa fonte regista *cavernosas*, que nos parece uma solução bem melhor. Vejamos então todo o primeiro terceto do poema:

Verás a Cíntia protestar o engano,
verás Tétis sumir-se envergonhada,
nas *cavernosas* grutas do oceano (vv. 9-11).

Supomos que é bastante mais lógico qualificar as grutas como *cavernosas*, tanto mais que é a ideia de esconderijo que se pretende transmitir.

5. Soneto «A paz, a doce mãe das alegrias»

É a peça n.º 33 da edição de Lapa (p. 54). Na nossa miscelânea vem na p. 132 e passa a constituir a única fonte manuscrita conhecida do soneto. Uma primeira diferença ocorre ao nível da epígrafe, ausente na edição de Lapa, e que a nossa fonte apresenta assim: *Feito pelo Doutor Inácio José d'Alvarenga, e junto aos autos e embargos da sua defesa, pelo crime imputado da sublevação de Minas*. A segunda variante respeita ao v. 5: em vez de *eternas*, a nossa fonte propõe *humanas*. Vejamos o contexto:

Desce, cumprindo *humanas* profecias,
a nova geração dos céus à terra;
o claustro virginal se desencerra,
nasce o filho de Deus, chega o Messias (vv. 5-8).

Como se verifica, tanto do ponto de vista semântico como métrico, ambas as soluções são admissíveis.

6. Soneto «Eu não lastimo o próximo perigo»

Trata-se da peça n.º 32 da edição de Lapa (p. 53). Na fonte que vimos citando, o texto ocorre na p. 133. Para além desta fonte manuscrita, descobrimos uma outra: o códice 854 da Biblioteca Nacional de Lisboa, f. 58v. Este manuscrito constitui também uma miscelânea.

Neste caso, possuímos duas versões desconhecidas e o número e tipo de variantes é consideravelmente maior, razão por que optámos por transcrever na íntegra o soneto tal como foi publicado por Rodrigues Lapa, anotando depois em rodapé as variantes. À primeira versão (a do manuscrito de Évora) chamaremos *A*, e à segunda *B*. Neste caso não nos pronunciaremos sobre a qualidade das variantes, na medida em que isso exigiria um trabalho mais complexo, que está fora dos propósitos deste artigo.

Eu não lastimo o próximo perigo,
uma escura prisão, estreita e forte;
lastimo os caros filhos, a consorte,
a perda irreparável de um amigo.

- 5 A prisão não lastimo, outra vez digo,
nem o ver iminente o duro corte;

Epígrafe. Do mesmo, feito depois da prisão A Soneto que fez o réu Inácio José d'Alvarenga, ouvindo ler a sentença e que o réu Doutor Cláudio Manuel da Costa, seu amigo, se matara na prisão B

2. a estreita prisão, escura e forte; B

4. irreparável de um] inseparável dum A

que é ventura também achar a morte,
quando a vida só serve de castigo.

Ah, quem já bem depressa acabar vira
10 este enredo, este sonho, esta quimera,
que passa por verdade e é mentira!

Se filhos, se consorte não tivera,
e do amigo as virtudes possuía,
um momento de vida eu não quisera.

7. que é ventura também] é ventura também A pois também é B

9. Ah, quão depressa então eu não sentira A

10. este enredo, este sonho] este sonho, este enredo B

11. e é mentira] e que é mentira A

12. Se filhos, se consorte] Se filhos e consorte A Se os filhos e consorte B

13. e do amigo as virtudes] se do amigo as virtudes A se as virtudes do amigo B

14. só de vida um momento não quisera A nem da vida um instante só quisera B

7. Soneto «Não me aflige do potro a viva quina»

É a peça n.º 31 da edição de Lapa (p. 52). Na miscelânea de Évora, ocorre na p. 134. Dado que se trata de um texto curto e há um número considerável de variantes, optámos, à semelhança do que fizemos para o texto anterior, por transcrever na íntegra a versão de Lapa, anotando em rodapé as variantes da nova fonte testemunhal. Também à semelhança do caso precedente, não nos pronunciaremos sobre a qualidade das variantes.

Não me aflige do potro a viva quina;
da férrea maça o golpe não me ofende;
sobre as chamas a mão se não estende;
não sofro do agulhete a ponta fina.

- 5 Grilhão pesado os passos não domina;
cruel arrocho a testa me não fende;
à força perna ou braço se não rende;
longa cadeia o colo não me inclina.

- 10 Água e pomo faminto não procuro;
grossa pedra não cansa a humanidade;
a pássaro voraz eu não aturo.

Estes males não sinto, é bem verdade;
porém sinto outro mal inda mais duro:
da consorte e dos filhos a saudade!

3. sobre as chamas] e sobre a chama

4. não] nem

9. pomo] pão

12. é bem verdade] isto é verdade

Chega assim ao fim este nosso contributo para o melhoramento da edição da obra poética de Alvarenga Peixoto feita por Rodrigues Lapa. Esperemos que uma próxima edição possa integrar devidamente estas e outras achegas que venham a surgir.